

CONTRIBUIÇÃO PARA UMA ONOMASIOLOGIA DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Erminio Rodrigues

Dentre as várias pesquisas onomasiológicas que realizamos em Brasília, entre 1966 e 1971, escolhemos para esta miscelânea em honra do Prof. Theodoro Henrique Maurer Jr., mestre dos mestres, uma, que, subordinada ao item — «Vocabulário relativo a objetos, atividades e conceitos pouco familiares ao habitante dos centros urbanos e muito intimamente ligados à vida cotidiana do habitante do campo» —, apresenta as áreas brasileiras da noção «*sem rabo ou de rabo cortado*», cujos significantes se indicam, ao lado dos tipos lexicais básicos, neste quadro:

<i>COLA</i> :	coleira;
<i>COTO</i> :	cotó, cotoco, cotô;
<i>NABO</i> :	nabuco;
<i>NAMBU</i> :	nambu (similitude de forma);
<i>PITO</i> :	pitoco;
<i>RABO</i> :	rabão, rabi, rabicho, rabicó, bicó, rabote, rabuco;
<i>SURO</i> :	surô, suru, suruco, sureco;
<i>TOCO</i> :	tocó.

A recolha dessas designações foi feita através de seiscentas entrevistas diretas com informantes de todos os Estados e de todos os níveis socioculturais. Assim, começamos o inquérito pelas chamadas cidades satélites — Gama, Guará, Núcleo Bandeirante, Sobradinho e Taguatinga —, onde se concentram, na

maioria, os nortistas e nordestinos, que, impelidos, a princípio, por causas socioeconômicas, chegaram ao Distrito Federal e aí se fixaram, e o concluímos no Plano Piloto.

Antes de explicar rapidamente cada um dos significantes e delimitá-los geograficamente, acentuamos que todos eles refletem respostas dadas espontaneamente e de acordo com a fala da localidade do informante. Para tanto, demos preferência a adultos que viajaram de sua cidade para Brasília ou que viajaram pouco.

BICÓ ocorre a leste e ao norte do Maranhão (Barra do Corda, São Domingos do Maranhão, Caxias, São Luís), a noroeste e a nordeste do Piauí (Teresina, Pedro II), a leste de Roraima (Boa Vista), a nordeste do Pará (Belém), a leste do Amazonas (Manaus), a noroeste e a nordeste do Ceará (Independência, Crateús, Ipu, Itapagé, Fortaleza) e ao norte do Rio Grande do Norte (Mossoró).

Emprega-se em relação a aves e animais: *galinha bicó*, *cachorro bicó*.

Alguns informantes, especialmente os de Independência, Crateús, Itapagé (CE), São Luís e São Domingos do Maranhão (MA), aplicam o termo mais ao cachorro.

Forma aferética de *rabicó*.

COLEIRA localiza-se ao norte do Paraná (Maringá) e emprega-se unicamente em relação a animais: *cavalo coleira*, *cachorro coleira*.

Creemos tratar-se do espanhol *coleta* [*cola* 'rabo' + *-eta*, suf. dimin.], com mudança de sufixo. *-Eira*, que, normalmente, indica extensão (ex.: *cabeleira*), graças ao influxo de *-eta*, exprime aqui diminuição.

COTO encontra-se a sueste do Paraná (Curitiba) e aplica-se a aves e animais: *cachorro coto*, *galinha cota (ô)*, *vaca cota*.

De *coto* 'pedaço', 'toco', tomado como adjetivo.

COTÓ recobre quase todas as áreas geográficas: Norte, Meio-Norte, Nordeste, Leste, Centro-Oeste e, parcialmente, Sul (Rio Grande do Sul) e Sueste (São Paulo). Só não o encontramos, portanto, em Santa Catarina e Paraná.

Emprega-se em relação a aves e animais: *galinha cotó*, *cachorro cotó*.

Uma informante da Bahia (Salvador) observa: «Aplica-se não só a aves e animais, mas também a coisas a que falta um pedaço: uma vela cotó, por exemplo, é uma vela muito pequena.

Vinte e nove dos seiscentos informantes usam o termo apenas em relação a animais: 6 de Pernambuco (Novo Exu, Triunfo, Vitória de Santo Antão, Palmares, Pesqueira, Caruaru), 3 do Ceará (Independência, Quixadá, Icó), 3 do Maranhão (São Domingos do Maranhão, Carolina, Caxias), 3 de Alagoas (Água Branca, Palmeira dos Índios, Maceió), 2 da Paraíba (Cajazeiras, João Pessoa), 2 de São Paulo (Guaratinguetá, São Paulo), 2 do Rio Grande do Norte (Natal, Rendeção), 1 do Piauí (Parnaíba), 1 da Bahia (Barreiras), 1 de Sergipe (Aracaju), 2 de Goiás (Anápolis, Goiânia), 2 da Guanabara (Rio de Janeiro) e 1 do Rio de Janeiro (Cambuci).

Quanto ao étimo, embora não afastemos a possibilidade de ligar-se a palavra ao francês *couteau*, preferimos explicar por *coto*, com avanço do acento tônico determinado pelo caráter expressivo da palavra. Cp.: *tocó*, *rabicó*.

COTÔ ocorre a nordeste do Maranhão (Codó) e ao sul de Mato-Grosso (Três Lagoas) e aplica-se a aves e animais: *galinha cotô*, *vaca cotô*, *cachorro cotô*.

Variante fonética de *cotó*.

COTOCO localiza-se a sueste de Minas Gerais (Manhuaçu, Espera Feliz, Simonésia, Manhumirim) e aplica-se a aves e animais: *galinha cotoca*, *pinto cotoco*, *cachorro cotoco*.

A decomposição espontânea mostra-nos *coto* e sufixo *-oco*: 'cotozinho'. Podê, contudo, ter resultado do cruzamento léxico de *coto* e *toco*.

NABUCO circunscreve-se ao oeste de Minas Gerais (Carmo do Paranaíba, Patos de Minas, Patrocínio) e emprega-se em relação a aves e animais: *cachorro nabuco*, *galinha nabuca*.

Dois informantes de Patos de Minas usam o termo apenas para animais.

De *nabo*, na acepção de 'toco', e sufixo diminutivo *-uco*.
Cp.: *rabuco*, *suruco*.

NAMBU ocorre ao norte e a leste da Bahia (Pilão Arcado, Sendo Sé, Barra, Salvador), a oeste do Rio de Janeiro (Resende), ao sul de Goiás (São Simão) e a leste de São Paulo (Araraquara).

Aplica-se geralmente a aves: *galinha nambu*, *galo nambu*.

De *nambu* 'espécie de perdiz, de bico encarnado e rabo curto' passou-se, graças à consideração deste último aspecto do ser, a designativo de aves «sem rabo ou de rabo cortado». Pode-se comparar com *sura* 'pomba', que, em razão da mesma característica, designa hoje «sem cauda ou de cauda cortada». V. *suro*.

PITOCO encontra-se a leste, centro-oeste e norte do Rio Grande do Sul (Camaquã, Porto Alegre, Novo Hamburgo, Santa Maria, Cruz Alta, Santo Ângelo, São Luís Gonzaga), ao sul, sudoeste, leste e nordeste de Santa Catarina (Tubarão, Lajes, Florianópolis, Luís Alves), ao sul, centro-oeste e leste de São Paulo (São Miguel Arcanjo, Tietê, Marília, Arealva, Rio Claro), a sueste e ao norte do Paraná (Curitiba, Maringá, Rolândia, Arapongas), ao sul e a oeste de Mato Grosso (Campo Grande, Barra dos Bugres), ao sul de Goiás (Bela Vista de Goiás), a leste de Alagoas (Maceió) e a nordeste do Ceará (Fortaleza).

Emprega-se em relação a aves e animais: *cachorro pitoco*, *galinha pitoca*, *vaca pitoca*.

Alguns informantes usam o termo apenas para animais: 2 do Rio Grande do Sul (Santo Ângelo, São Luís Gonzaga), 1 de Santa Catarina (Florianópolis), 2 do Paraná (Rolândia, Arapongas), 1 de São Paulo (Arealva), 2 de Mato Grosso (Campo Grande, Barra dos Bugres) e 1 do Ceará (Fortaleza).

De *pitoco* 'cachimbo quebrado' passou-se, por extensão, e com adjetivação, a designar coisas ou objetos normalmente compridos, aos quais faltava um pedaço: *bengala pitoca*, *cachorro pitoco*. Pode-se ainda lembrar a atração de *-toco* com *toco* 'pedaço', 'parte'.

RABÃO ocorre ao sul, leste e centro-oeste do Rio Grande do Sul (Santa Vitória do Palmar, Jaguarão, Camaquã, Santa Maria) e a leste de Santa Catarina (Florianópolis).

Emprega-se mais freqüentemente a animais que a aves: *cavalo rabão, cachorro rabão, galo rabão*.

Uma informante de Jaguarão (RS) usa *rabão* para o cavalo, *cotó* para o cachorro e *suro* para as aves.

Veja-se esta quadrinha gaúcha, recolhida por Sílvio Romero e citada por Leonardo Mota, em seu *Sertão Alegre*:

«Minha galinha pintada,
Meu *galo suro rabão*,
Vou tirar minha galinha
Das unhas de um gavião.» (p. 279)

E observe-se a concorrência pleonástica dos epítetos *suro* e *rabão* relacionados com *galo*.

Do espanhol *rabón* 'que tiene el rabo más corto que lo ordinario en su especie, o que no lo tiene' (cf. Dicc. Real Academia Española, 1970, s.v.) passa-se ao português *rabão*, forma que já se documenta no século XVIII. O sufixo *-ão*, que geralmente designa aumento, aparece aqui indicando diminuição. Cp.: cordão, calção. V. Bernard Pottier, *Linguística Moderna y Filología Hispánica* (Ed. Gredos, 1968), pág. 183.

RABI ocorre a nordeste do Ceará (Cascavel, Fortaleza) e a sueste de São Paulo (São Paulo) e de Minas Gerais (Belo Horizonte).

Aplica-se geralmente a animais: *cavalo rabi, cachorro rabi*.

A julgar pelas palavras de Otoniel Mota, época houve (não distante, pois o livro é de 1937) em que muito se usou tal designação: «Tão generalizado é o termo, que nos púlpitos se costuma deslocar o acento da palavra aramaica *rabi*, mestre aplicada a Jesus Cristo. É freqüente ler-se *rábi*.» (*Horas Filológicas*, São Paulo, Editora Nacional, 1937, pág. 190).

Deriva regressivamente de *rabicó*, com possível influência de *nambi*, que, como adjetivo, significa 'privado de algum membro; troncho'.

RABICHO encontra-se a nordeste do Pará (Anajás, Ponta de Pedras, São Sebastião da Boa Vista) e ao norte de Minas Gerais (São Romão, Januária) e emprega-se em relação a animais: *cachorro rabicho, porca rabicha*.

De *rabicho* 'pequena trança de cabelo pendente', tomado como adjetivo.

Em Portugal, no Alto Minho (Concelho dos Arcos de Valdevez), diz-se (ou dizia-se), como nas áreas acima, *cão rabicho*. (Cf. *Revista Lusitana*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, vol. XXV, 1925, pág. 195).

RABICÓ localiza-se geograficamente nestas áreas: Norte (Amazonas: Manaus; Roraima: Boa Vista), Nordeste (Alagoas: Maceió; Ceará: Fortaleza, Itapagé, Tianguá; Pernambuco: Recife, Vitória de Santo Antão, Afogados da Ingazeira), Sudeste (São Paulo: Arealva, São José do Rio Preto, São Miguel Arcanjo, Casa Branca, Rio Claro, Penápolis; Paraná: Arapongas, Rolândia, Curitiba), Leste (Minas Gerais: Campanha, Belo Horizonte; Espírito Santo: São Gabriel, Itaguaçu, Vitória), Centro-Oeste (Goiás: Anápolis, Ipameri, Trindade, Goiânia; Mato Grosso: Barra do Garças).

Emprega-se em relação a aves e animais: *galinha rabicó*, *porco rabicó*.

Alguns informantes só aplicam o termo a aves: 3 do Paraná (Arapongas, Rolândia, Curitiba), 3 de Goiás (Goiânia, Anápolis, Trindade), 1 da Guanabara (Rio de Janeiro) e 1 do Amazonas (Manaus). Para animais, os três primeiros usam *pitoco* e os restantes, *cotó*.

Três informantes de São Paulo (Rio Claro, Casa Branca, São Miguel Arcanjo) só o empregam ao porco de rabo curto.

De *rabico*, com deslocação do acento tônico determinada pelo caráter expressivo da palavra. Cp.: *cotó*, *surô*, *tocó*. Antes da acutização expressiva, é possível que se tenha dito: *cachorro rabico*, a exemplo de *cachorro coto*, *cachorro toco*, *cachorro rabicho*.

RABOTE ocorre a sudeste do Espírito Santo (Vitória) e aplica-se a aves e animais: *galinha rabote*, *cachorro rabote*.

De *rabo* e sufixo diminutivo *-ote*. Compare-se com *surote*, que o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* registra, localizando-o em Minas Gerais.

RABUCO tem sua área a oeste de Minas Gerais (Paracatu, Vazante, Patos de Minas) e emprega-se com relação a aves e animais: *galinha rabuca*, *cachorro rabuco*.

De *rabo* e sufixo diminutivo *-uco*. Cp.: *nabuco*, *suruco*.

SURO recobre todas as áreas e aplica-se geralmente a aves: *franga sura*, *pinto suro*, *galinha sura*, *galo suro*, *pomba sura*.

Um informante do Maranhão (Carolina) e outro do Pará (Cametá) usam-no para aves e animais.

Como observa Arlindo de Sousa, em *A Língua Portuguesa no Brasil*, «trata-se de velho lusitanismo e não brasileiro amazônico ou gaúcho, registrado nos vocabulários de Amado Mendes e Luís Carlos de Moraes. Vem em Jorge Ferreira de Vasconcelos (séc. XVI): *galinha çura* (com ç, em vez de s).» (pág. 204)

José Pedro Machado cita este exemplo de Gil Vicente, que ocorre no *Auto das Fadas* (1512):

«... eu nam juro nem esconjuro,

Mas galo negro *suro*

Cantou no meu monturo.»

(*Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, s.v.)

Como nos revelam os exemplos acima de Jorge Ferreira de Vasconcelos e Gil Vicente, havia certa flutuação na grafia da palavra, o que nos leva a dar o espanhol *zuro* como étimo próximo do português. Cp.: *çapato*, *zapato*; *çumo*, *zumo*; *çáfio*, *záfio*; *çaguão*, *zaguán*. Sabe-se que, a princípio, isto é, no período arcaico, ç e s não se confundiam na pronúncia, tinham valores distintos. Hoje, se escrevemos *suro*, e não *çuro*, de acordo com o étimo, bem como *supato*, *sumo*, *sáfio*, *saguão*, isso se deve à Reforma Ortográfica de 1911, que substituiu, invariavelmente, o antigo ç inicial por s. (V. Rebelo Gonçalves, *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*, Coimbra, 1947, pág. 45, obs. 1.^a.)

Joan Corominas, no excelente verbete consagrado a «zurita, zura o zurana», informa-nos, através de Alonso Garrete e Zamora Vicente, de que em Leão «se llama a las palomas *zura*, *zura*, o bien *zurita*, *zurita*» e em Albacete «*se oye zuric*, *zuric* con el mismo valor». É provável, pois, que da voz de chameamento, talvez imitativa da voz da pomba, se passasse a designar a própria pomba e, em seguida, considerada a característica de ser não só pequena, mas também, e principalmente, derrabada, a designativo genérico de ave sem rabo ou de rabo cortado.

Em Portugal, ao menos no Alentejo, chamam *sura* à pomba brava e pequena (V. J. A. Capela e Silva, *A Linguagem Rústica no Concelho de Elvas*, ed. Revista de Portugal, Lisboa, 1947, pág. 162). Compare-se com *nambu*.

SURÔ localiza-se a sueste e a nordeste de Pernambuco (Garanhuns, Timbaúba) e a leste da Paraíba (João Pessoa).

Emprega-se em relação a aves e animais: *pinto surô*, *vaca surô*.

De *suro*, com deslocação do acento tônico determinada pelo caráter expressivo da palavra. Cp.: *cotó*, *rabicó*, *tocó*.

SURU recobre as áreas Meio-Norte e Nordeste e ainda se apresenta nestas outras: Norte (Pará: Marabá; Roraima: Boa Vista), Sueste (São Paulo: Presidente Prudente), Leste (Bahia: Jequié, Curvelinho, Cotegipe; Minas Gerais: Patos de Minas; Rio de Janeiro: Valença), Centro-Oeste (Goiás: Tocantinópolis).

Emprega-se geralmente em relação a aves.

Alguns informantes o usam para aves e animais: 1 da Bahia (Curvelinho), 1 do Rio Grande do Norte (São Tomé) e 1 do Piauí (Floriano).

Variante de *suro*, com deslocação do acento tônico determinada pelo caráter expressivo da palavra. Cp.: *cotó*, *rabicó*, *surô*.

SURUCO localiza-se geograficamente nestas áreas: Leste (Bahia: Salvador, Jequié, Vitória da Conquista, Cocos, Santana, Barreiras; Minas Gerais: Belo Horizonte, Nova Ponte, Piuí, Paracatu; Rio de Janeiro: Cambuci; Espírito Santo: São Gabriel), Centro-Oeste (Goiás: Anápolis, Nerópolis; Mato Grosso: Paranaíba), Nordeste (Pernambuco: Novo Exu, Petrolina), Meio-Norte (Maranhão: São Luís, Piauí: Bom Jesus de Gurguéia), Sueste (São Paulo: Guaratinguetá).

Emprega-se em relação a aves e animais: *galinha suruca*, *cachorro suruco*.

Alguns informantes só aplicam o termo a aves: 4 da Bahia (Salvador, Santana, Barreiras, Cocos), 1 de Pernambuco (Novo Exu), 1 do Maranhão (São Luís), 1 de Minas Gerais (Paracatu), 1 do Espírito Santo (São Gabriel) e 1 de Goiás

(Anápolis). Para animais, o de Santana (BA) usa *toco* e os outros, *cotó*.

Um informante de Minas Gerais (Piúí) emprega, ao lado de *suruco*, *suruquinho*.

De *suro* e sufixo diminutivo *-uco*. Compare-se com *nabuco*, *rabuco*.

SURECO ocorre a sudoeste de Minas Gerais (Guapé, Araxá) e a oeste do Rio Grande do Sul (Alegrete).

Emprega-se geralmente em relação a aves: *galinha sureca*, *pinto sureco*.

De *suro* e sufixo diminutivo *-eco*.

TOCO encontra-se a sueste de Goiás (Formosa, Anápolis), ao sul e a sueste do Piauí (Corrente, Bom Jesus de Gurguéia), a leste, oeste e centro-oeste da Bahia (Salvador, Jequié, Cocos, Santana, Piritiba) e nordeste de Minas Gerais (Pedra Azul).

Usa-se com relação a animais: *cachorro toco*, *cavalo toco*.

De *toco* 'coto de cauda', tomado como adjetivo.

TOCÓ localiza-se geograficamente nestas áreas: Meio-Norte (Maranhão: São Luís, ao norte; Piauí: Floriano, a oeste), Leste (Bahia: Ilhéus, a leste; Minas Gerais: Carmelo e Paracatu, ambos a oeste), Centro-Oeste (Goiás: Anápolis e Formosa, ambos a sueste).

Aplica-se a aves e animais: *galinha tocó*, *cachorro tocó*.

De *toco* 'sem rabo ou de rabo cortado', com acutização expressiva.

OBSERVAÇÕES FINAIS

Dos vinte e dois significantes apresentados, dez ainda não se encontram registrados nos dicionários comuns da língua (tomamos como base o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (11.ª ed.) e o *Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos* (6.ª ed.); *coleira*, *coto*, *cotó*, *nambu*, *rebote*, *rabuco*, *sureco*, *surô*, *suruco* e *toco*.

Dentre todas, apenas três designações são comuns a Brasil e Portugal: *suro*, *rabão* e *rabicho*.

É curioso observar que, embora sem vitalidade dentro da língua, o sufixo *-uco* aparece aqui bem representado: *nabuco*, *rabuco* e *suruco*.

Nota-se a preferência popular pelas palavras agudas terminadas em vogal tônica aberta (*cotó*, *rabicó*, *tocó*) ou fechada (*nambu*, *rabi*, *surô*, *suru*).

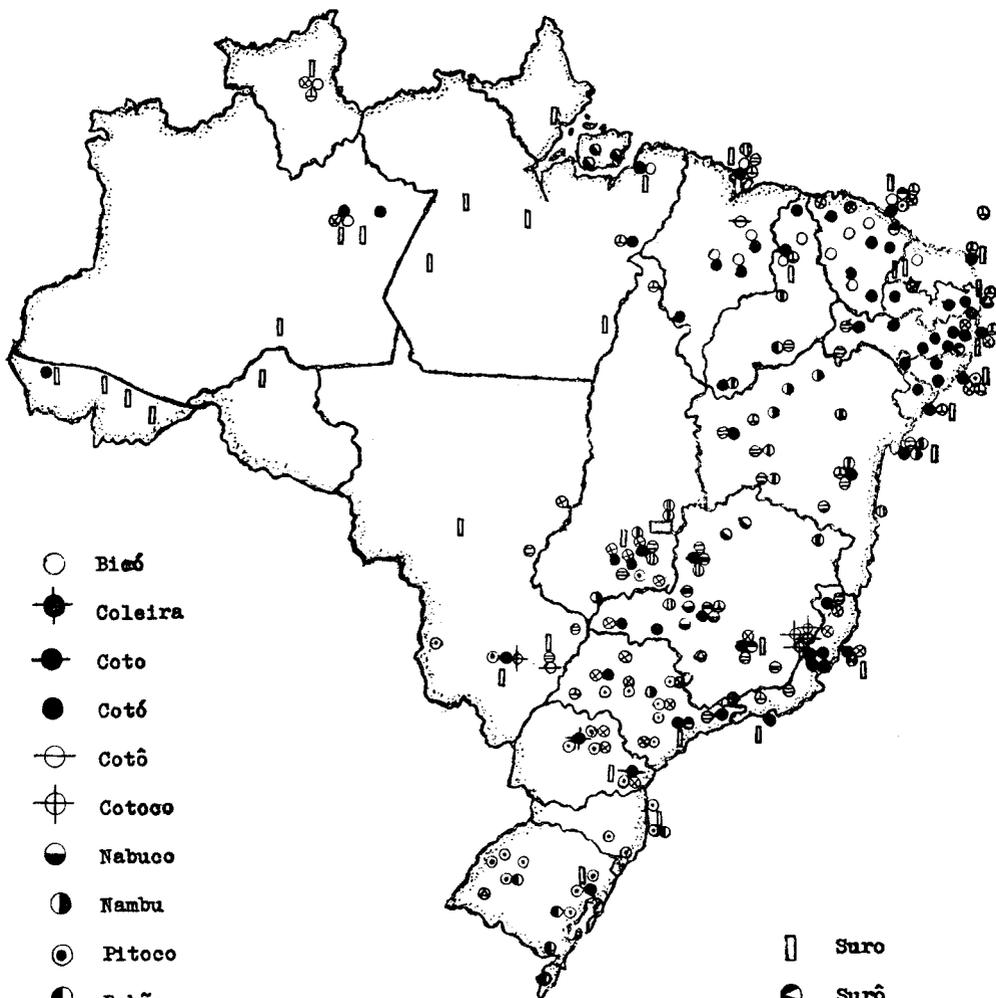
Em pesquisas paralelas a esta, encontramos alguns termos deste campo aplicados a:

- (1) «papagaio-de-papel sem rabo ou de rabo curto»:

sureco (MG);
suro (MA, BA);
suru (GO, BA).

- (2) «cabelo muito curto de mulher, que deixa a nuca descoberta»:

nambu (GO, MT, RN);
sureco (MG);
suro (MA, PI, CE, AL, PB, PE, SE, RN,
PA, BA, GB, RJ, SP, PR, GO);
suru (PB, RN);
suruco (GO, MT, MG, ES, RJ, PI).



- Bico
- Coleira
- Coto
- Cotó
- ⊕ Cotô
- ⊕ Cotoco
- ◐ Nabuco
- ◑ Nambu
- ⊙ Pitoco
- ◑ Rabão
- ◑ Rabi
- ◑ Rabicho
- ⊗ Rabicó
- ⊗ Rabote
- ◑ Rabuco

- ▮ Suro
- ◑ Surô
- ⊕ Suru
- ◑ Suruco
- ◑ Sureco
- ◑ Toco
- ◑ Tocó